



SOBRE ALTERIDADES, MEMÓRIAS E VIDAS: UMA JORNADA EM BUSCA DE NOSSOS ÍNDIOS A PARTIR DA OBRA DE DANIEL MUNDURUKU

Resenha

Jennifer da Silva Gramiani Celeste¹

Livro:

MUNDURUKU, Daniel. **Você lembra, pai?**. São Paulo: Global Editora, 2003,

22 p., ISBN: 978-45-260-0805-2

Recebido em: 26.11.2017. Aceito em: 09.12.2017. Publicado em: 10.12.2017.

¹ Mestranda em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Especializanda em Psicopedagogia (Clínica e Institucional) pela Faculdade Metodista Granbery. Bacharelada e Licenciada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2016). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2015). E-mail: jenniferjf@oi.com.br.

Índio da etnia Munduruku, Doutor em Educação e responsável por produzir expressivo contingente de obras literárias voltadas ao público infanto-juvenil, Daniel Munduruku assina **Você lembra, pai?**, publicado pela Global Editora no ano de 2003.

Em **Você lembra, pai?** (Global Editora, 2003), Munduruku empreende diálogo íntimo junto àquele que seria o receptor de suas mensagens, seu pai, já falecido. Nas páginas iniciais, os pequenos parágrafos que constituem a narrativa assemelham-se a uma espécie de chamamento ao pai do narrador, assim como à fala de uma criança quando necessita enfatizar uma ideia. No transcorrer da obra, as falas do escritor tornam-se mais diretas e intimistas. De fato, um diálogo aberto e transparente junto ao pai. Ainda, ambienta os leitores acerca de elementos atinentes à cultura indígena. O autor também demonstra o quão importante se fizeram as experiências vivenciadas ao lado do pai, exprimindo, em seu registro,

considerações acerca da obtenção de aprendizados junto à figura paterna. Identifica, também, os caminhos outrora percorridos por seu pai e, apesar da incompreensão quanto ao posicionamento deste, reconhece e ressignifica sua vivência, atribuindo-lhe relevância, internalizando-a.

Krenak (2015) caracteriza a Literatura produzida por indígenas como aquela que contempla “[...] informações sobre como vivem os povos [...], em quê creem, sua alimentação, música, religião, filosofia, entre outros [...]” (KRENAK, 2015), análogo àquilo observado no decorrer da produção literária de autoria de Munduruku (2003). As condições de produção da Literatura indígena, bem como de sua circulação e recepção, salienta Krenak (2015), ainda enfrentam muitos desafios. Estaria, então, esta Literatura à margem, tal como aquela produzida por negros e homossexuais, por exemplo?

Não se constitui como dificultoso conceber a referida ideia, tendo em vista

que os contextos dos quais advém estes específicos grupos sociais, ademais, as trajetórias por eles percorridas desde temporalidades pretéritas até os dias atuais, ambos, são demarcados por fatores que os tornam divergentes da massa populacional branca, heterossexual e de classe média-alta – inclusive, maioria enquanto escritora, leitora e protagonista da Literatura Brasileira Contemporânea, como aponta Delcastagne (2013).

Podemos discordar de Souza (2006) quando este argumenta que autores indígenas, tais como Daniel Munduruku, “[...] que migraram para os centros urbanos nacionais e conviveram com a cultura dominante [...]” (SOUZA, 2006), passaram a escrever de e somente para a parcela da população não indígena. Isto, pois a obra de Munduruku (2003), para além de breve registro biográfico, nos permite, *per se*, compreendê-la, também, como premissa para a constituição da subjetividade de crianças e jovens indígenas, imersas em sociedade distinta e distante daquela descrita pelos contos narrados por velhos Conselheiros e demais autoridades líderes de suas tribos.

Considera-se, também, o fato de que o livro apresenta aos leitores os anseios e as expectativas inerentes à trajetória vital de indivíduo pertencente à cultura indígena, fazendo-os participarem de uma “teia”, segundo Munduruku (2003). Aqui, recorremos à Petit (2012): “[...] a partir daí, [...] quando lemos, temos outra percepção do que nos cerca. E podemos dar sentido às nossas vidas, construir um sentido [...]” (PETIT, 2012, p. 40). Sob o viés das relações de alteridade estabelecidas entre autores indígenas e leitores quaisquer, a argumentação de Thiél (2013) corrobora com as colocações de Petit (2012): “[...] a literatura desafia o leitor [...]; o narrador indígena desafia o leitor pelos caminhos que levam a uma revisão de conhecimentos sobre as culturas nativas, pois o outro age sobre quem o lê [...]” (THIÉL, 2013, p. 1187).

Muito além de compilação de memórias pessoais, a obra de Munduruku (2003) configura-se como convite às reflexões que nos perpassam: por que o autor, ao nos falar de si próprio, fala-nos de nós mesmos; por que o autor, ao nos

falar de seu pai, fala-nos daqueles que nos acolhem; por que o autor, ao nos falar de sua cultura, fala-nos daquilo que nos singulariza; por que o autor, ao nos falar do amor, fala-nos de tudo o que podemos sentir ou ainda iremos experimentar; por que o autor, enfim, ao nos falar de sua vida, fala-nos das trilhas e jornadas já exploradas ou a ainda serem por nós desbravadas. Afinal, como Munduruku (2003) em poucas palavras descreve sua obra: “[...] este é um livro que fala de gratidão, um sentimento que pode ser expresso por todas as pessoas, independentemente do lugar onde elas tenham nascido, em que circunstâncias ou condições de vida. Não importa se são filhas de pais africanos, europeus, asiáticos, indígenas [...]” (MUNDURUKU, 2003, s/p). São esses sentimentos de caráter universal, assim nomeados por Petit (2012), que nos tornam, no âmbito da produção literária resenhada, um pouco índios, um pouco Mundurukus... Equilibristas que se aventuram no perigo do descompasso propiciado pela linha tênue que assinala não somente os entre

lugares da Literatura, mas as diferenças socioculturais prevalentes.

Problematiza-se, a tempo, ao enveredar-se pelo questionamento realizado pelo pai de Munduruku (2003) acerca das cores dos indivíduos residentes no mundo – “[...] se o mundo é colorido [...], por que as pessoas têm de ter uma cor só? [...]” (MUNDURUKU, 2003, s/p): cabe à Literatura possuir uma única nuance se acolhe alteridades, memórias e vidas singulares, porém, que se pluralizam a partir dos encontros promovidos entre escritores e leitores? Aliás, você lembra quando éramos de uma cor, apenas? Ao cursarmos a trajetória vital, deixarmos nossas impressões no mundo e permitirmos que outrem nos marque, tornamo-nos detentores de espectro de cores e tons vários. É sob esta perspectiva que Daniel Munduruku em **Você lembra, pai?** (Global Editora, 2003) nos encaminha aos debates a respeito de nossas origens, de quem fomos e hoje somos e, ainda, daqueles que foram ou são importantes à nossa existência, demonstrando, para além destes vislumbres, as possibilidades

diversas da escrita literária brasileira, indígena e heterogênea, na contemporaneidade.

Referências

DALCASTAGNE, Regina. **Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea**. São Paulo: Horizonte, 2013.

KRENAK, Edson. **Literatura indígena: um cordão de três dobras**. 2015. Disponível em: <<http://institutouka.blogspot.com.br/2015/02/literatura-indigena-um-cordao-de-tres.html>> Último acesso em 24 nov. 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **Você lembra, pai?**. São Paulo: Global Editora, 2003.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Porto Alegre: Editora 34, 2012.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Uma outra história, a escrita indígena no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/iniciativas-indigenas/autoria-indigena/uma-outra-historia,-a-escrita-indigena-no-brasil>> Último acesso em 24 de nov. de 2017.

THIÉL, Janice. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.